



Escrita Criativa do conto *Entre o amor e a dor* de Tomé Caitano: um instrumento de denúncia à homofobia

Tome Fernandes Caitano¹
Mariana Rissi Azevedo²

Resumo: Este artigo retrata sobre uma temática recorrente na sociedade, a homofobia, e tem como objeto de análise o conto *Entre o amor e a dor*, fruto da Escrita Criativa de Tomé Caitano, que narra a questão do amor homoafetivo e da homofobia. O Grupo Gay da Bahia (GGB) contabiliza números elevados de vítimas de LGBTfobia, o que coloca o Brasil como campeão mundial de casos LGBTfóbicos. Diante desses registros, percebe-se a necessidade de criar meios que denunciem esses atos violentos, sendo assim, esta pesquisa tem como principal objetivo denunciar homofobia no Brasil, utilizando como ferramenta a Escrita Criativa, e para isso, foi criado o conto *Entre o amor e a dor*, baseando-se nos princípios metodológicos sugeridos por Gotlib (1991) e Kiefer (2004). A partir da criação do conto, buscou-se extrair trechos deste, nos quais são demonstrados os impactos causados pela homofobia e analisá-los pelo viés da Teoria Queer, que se apoiou em Jagose (1996), Salih (2017), Sedgwick (2007) e Silva, Silveira e Costa (2016). Por fim, esta análise foi contrastada com a homofobia existente no Brasil, que nos direciona ao entendimento de que a homofobia resiste na nossa sociedade, se apresentando em diferentes formas de repressão e, além disso, esta pesquisa nos revela que a Escrita Criativa pode ser utilizada como instrumento de denúncia às diversas formas de preconceito, pois, de certo modo, leva os leitores a refletirem sobre determinadas problemáticas sociais, como no caso desta pesquisa, a homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia. Escrita Criativa. Teoria Queer.

Creative Writing of the Short Story *Entre o amor e a dor* by Tomé Caitano: an instrument to denounce homophobia

ABSTRACT: This work portrays a current theme in our society, homophobia, and it analysis the short story *Entre o amor e a dor*, result of Creative Writing by Tomé Caitano, which narrates the theme of homo-affective love and homophobia. The Gay Group of

¹ Graduando em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Atualmente, realiza pesquisa voltada para a área da Escrita Criativa e Teoria Queer no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

² Obteve Licenciatura em Letras, inglês/português, pela União das Escolas do Grupo FAIMI de Educação (2006). Possui Especialização em Estudos Avançados em Língua Inglesa e Literatura de Língua Inglesa (pós graduação lato sensu) pela Universidade Estadual Paulista (2012). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras no IBILCE, campus de São José do Rio Preto da UNESP (2015). Em 2014 ingressou na Universidade Federal do Amazonas para lecionar Língua Inglesa e Literatura de Língua Inglesa e realizou pesquisas em obras literárias pelo viés da Crítica Feminista, Teoria Queer e da Crítica Psicanalítica, além de trabalhos de pesquisa e extensão em Escrita Criativa. Atualmente leciona como professora efetiva com dedicação exclusiva na Universidade Federal do Triângulo Mineiro atuando nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Metodologia.



Bahia shows that there are high numbers of LGBT phobia's crimes, what places Brazil as the world highest number of LGBT phobic crimes. Facing these numbers, there is a need to create means to denounce these violent acts; therefore, this research has the objective to denounce homophobia in Brazil, using Creative Writing (C.W.) as a tool. The methodology of this work is bibliographic, with the writing of the short story *Entre o Amor e a Dor*, based on Gotlib (1991) and Kiefer (2004), who suggest methodological techniques for the writing of a short story. Then, we sought to use excerpts from the story in which the impacts of homophobia are demonstrated, to analyze them through the Queer Theory, based on Jagose (1996), Salih (2017), Sedgwick (2007) and Silva, Silveira and Costa (2016). Finally, this analysis was contrasted with the homophobia in Brazil nowadays. The analysis of the short story leads us to understand that homophobia resists in our society, in different forms of repression. In addition, this research reveals that Creative Writing can be used as a tool to denounce the different forms of prejudice, because, in a sense, it leads readers to think about social problems, such as the homophobia, as in this work.

KEYWORDS: Homophobia. Creative Writing. Queer Theory.

Introdução

Esta pesquisa tem como principal objetivo denunciar a homofobia no Brasil, utilizando como ferramenta a Escrita Criativa do conto *Entre o amor e a dor*³, de Tomé Caitano, que expõe de forma muito profunda a vida de dois homossexuais, cuja trajetória é marcada pelo medo, não aceitação, preconceito, violência e homofobia, problemáticas muito recorrentes nos dias atuais. Entende-se que, embora a disciplina de Escrita Criativa seja algo relativamente novo no Brasil, sua difusão em países europeus e nos Estados Unidos, com mais ênfase, tem criado nas Universidades um ambiente acolhedor para os escritores usarem esta arte para expor situações íntimas, pessoais, ou mesmo como meio de denúncia de situações de violência, medo, preconceito. A criação artística não se furta a pensar o social e, no caso da literatura, pode ser um meio de figuração de temáticas importantes, como é o caso da homofobia.

O trabalho inicia-se com uma breve explanação sobre a Escrita Criativa e como esta pode ser utilizada como um meio de denúncia social, por trazer reflexões sobre determinadas temáticas presentes na sociedade. Logo após essa exposição, será feita uma breve explicação do que se trata a Teoria Queer e qual é o seu papel na sociedade, seguindo diretamente para uma análise que

³ O conto pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico https://11bd8091-0fe4-459c-830e-b21467804e61.usrfiles.com/ugd/11bd80_7f5682b8cac64e499e506dcb1260ddc4.pdf



consistirá em extrair trechos do conto *Entre o amor e a dor*, com o intuito de demonstrar os impactos causados pela homofobia na vida dos personagens do conto.

O conto será analisado pelo viés da Teoria Queer, representada pelos teóricos Jagose (1996), Salih (2017), Sedgwick (2007) e Silva, Silveira e Costa (2016). E, por fim, será feita uma contextualização com os dados reais que ocorrem no Brasil anualmente, utilizando como referência de dados a coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil* (2014), organizada por Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira, e também o Grupo Gay da Bahia (GGB), que é uma ONG que tem como finalidade expor dados e notícias a respeito do público homossexual no Brasil, de modo a se comparar a violência explícita no conto com os dados de violência contra homossexuais que se espalham pelo país, elencando a necessidade de se denunciar, discutir e não minimizar a violência LFBTfóbica.

A Escrita Criativa como meio de denúncia social

Quando falamos em homofobia, o Brasil, segundo o Grupo Gay da Bahia (doravante GGB), é o país campeão mundial de violência contra o público LGBTQI+, onde pessoas são torturadas psicologicamente, espancadas e até mortas. O GGB contabilizou de 1 de janeiro de 2018 até 10 de abril de 2018, um total de 126 crimes cometidos contra a comunidade LGBTQI+, isso quer dizer que, a cada 19 horas, um LGBTQI+ é assassinado ou se suicida, vítima da LFBTfobia. (HOMOFOBIA MATA..., Online, 2020). Diante desses dados, temos a noção do quanto o Brasil é um país culturalmente LFBTfóbico e que não aceita a diversidade sexual. Vale lembrar que 52% dos homicídios contra os LGBTQI+ do mundo ocorrem no Brasil.

Visando discutir esta problemática, procura-se, de alguma forma, corroborar com o combate a esses tipos de violências que tanto afligem a população brasileira, utilizando como meio de denúncia a Escrita Criativa. A reflexão ainda continua sendo uma das principais aliadas contra algumas



intolerâncias existentes na nossa sociedade, é perceptível a gama de clássicos literários que trazem à tona diversas questões sociais, políticas, econômicas, entre outras. Há diferentes exemplares que criticam tais injustiças sociais, como, por exemplo, o romance *A Cor Púrpura* (1982), de Alice Walker, que ressalta a questão do preconceito contra a comunidade negra e o machismo impregnado na sociedade estadunidense do século XX. Existe, também, a obra *O Segredo de Brokeback Mountain* (1997), de Annie Proulx, que retrata de uma forma muito profunda a homofobia e os impactos que esta causa na vida das pessoas que são alvos desses tipos de violência.

No Brasil, existem obras literárias que denunciam as injustiças nos meios sociais e políticos, como *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, com a temática da exploração social no Rio de Janeiro no século XIX e a degradação social dos pobres, *A Hora da estrela*, de Clarice Lispector, com a denúncia da situação do imigrante nordestino, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que tematiza a difícil situação do retirante nordestino, etc. Estes são apenas exemplos de inúmeras obras que trazem fortíssimas críticas sociais e, com isso, fazem os leitores refletirem e os levam, de alguma forma, a se questionarem sobre os temas nas obras. Sendo assim, por que não usar o processo de Escrita Criativa para denunciar as injustiças sociais?

O estudo da Escrita Criativa é relativamente novo no Brasil, embora já esteja difundido em vários países. Em muitas universidades estrangeiras, propõe-se a criação de uma obra (ficção ou não ficção) e uma reflexão sobre o trabalho concebido. É chegada a oportunidade, com os estudos atuais, de criar literatura dentro dos meios acadêmicos, usufruindo de cursos de graduação e pós-graduação e revelar novos escritores que podem retratar os males que nos afligem. No Brasil, segundo Kiefer (2004), um dos primeiros cursos de Escrita Criativa foi ministrado pelo professor Cyro dos Anjos em 1962 na Universidade Federal de Brasília. Alguns programas de pós-graduação, tais como os da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Juiz de Fora e da Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, possuem linha de pesquisa em Escrita Criativa e impulsionam o fazer artístico de novos escritores,



alimentando-os com Teoria da Literatura e outras áreas de conhecimento (filosofia, psicanálise e semiótica) para que, quando consumidos pela inspiração, possuam as ferramentas adequadas para o processo de escrita. Segundo Kiefer (2004, p. 140):

Na literatura nada se cria, mas tudo se reescreve, o contista-leitor é incapaz de criar uma forma artística absolutamente inédita, tratará de reconfigurar alguns elementos da narrativa de seu progenitor espiritual, imprimindo a outros a sua própria marca.

Foi raciocinando nesta perspectiva, com base em autores tão renomados da literatura que se resolveu, através da Escrita Criativa, explanar sobre uma temática recorrente no mundo e, particularmente, no Brasil: a homofobia.

O gênero textual desenvolvido nesta pesquisa é o conto, que, segundo Kiefer (2004), “[...] é um daqueles gêneros literários que, permanentemente, desafiam teóricos e formuladores de conceitos e de definições” (p. 07). Não se pode afirmar com precisão a origem do conto, já que “O início de *contar estória* é impossível de se localizar e permanece como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita” (GOTLIB, 1991, p. 06). Neste sentido, percebe-se que o conto vem ganhando novas formas e estruturas, dependendo do autor que o escreve. Todavia, ainda existem conceitos gerais que são acatados pela grande maioria dos contistas, que é a curta narração. Segundo Kiefer (2004, p. 82):

O conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recursos, tensão das fibras do narrar. Porque são assim construídos, tendem a causar uma unidade de efeito, a flagrar momentos especiais da vida, favorecendo a simetria no uso do repertório dos seus materiais de composição.

Foi seguindo esta linha de raciocínio que se desenvolveu o conto *Entre o amor e a dor*, uma história de curta narração, porém com uma quantidade variada de conteúdo, em que se percebe a crise de identidade dos personagens, o amor homoafetivo, o machismo, a homofobia, etc. São temáticas de extrema



relevância, se levarmos em consideração a sociedade preconceituosa em que nos situamos.

Além disso, o conto retrata as principais dificuldades que os homossexuais enfrentam desde sua infância até a vida adulta. No conto, também, são notórias a angústia e a aflição dos personagens diante de suas identidades de gênero e, também, como a homofobia torna-se o principal empecilho na vida destes indivíduos. É partindo dessas problemáticas que se deu a análise/reflexão do conto, que está pautada na Teoria Queer, visto que esta é a teoria mais contemporânea a tratar dos gêneros, e nos ajuda a entender melhor as questões da sexualidade. A análise/reflexão foi feita observando os conflitos internos apresentados pelos personagens principais, sempre dando destaque em como a falta de apoio e o medo dessa sociedade tão preconceituosa pode afetar a vida de um ser humano de forma arrasadora e, além disso, foi analisado também o ato de homofobia praticado por um personagem secundário, que só consegue visualizar o amor homoafetivo como uma abominação, o que leva à morte de um dos personagens protagonistas pelo simples fato de demonstrar em público seus sentimentos.

Neste sentido, a Escrita Criativa do conto *Entre o amor e a dor* e sua análise, é uma tentativa de demonstrar, através dos personagens, como é a vida e a trajetória de pessoas que sofrem com estes tipos de angústias e aflições por estarem em constante conflito com sua própria identidade e, além desses conflitos internos, também procura-se demonstrar quais as dificuldades externas existentes e impregnadas nessa sociedade homofóbica em que vivemos. Sendo assim, espera-se poder colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e tolerante, que saiba se colocar no lugar do próximo e, principalmente, saiba respeitar as escolhas e atitudes alheias. Apesar de haver muitas conquistas do público LGBTQI+, a luta pelos direitos ainda está longe de cessar, a nossa sociedade ainda carrega uma ideologia enraizada que se opõe aos direitos da comunidade LGBTQI+, e é exatamente por esse assunto ser muito debatido e discutido, que foi ganhando espaço na sociedade. Neste sentido, muitos autores começaram a pensar uma forma de posicionamento em relação



a esse conteúdo, ou seja, a partir desses movimentos sociais é que vão surgir teorias que irão tratar sobre a questão de gênero e sexualidade, e uma delas é conhecida como Teoria Queer, teoria que será apresentada no tópico abaixo, juntamente com a análise do conto.

Entre o amor e a dor sob a ótica da Teoria Queer

A Teoria Queer é a mais contemporânea e mais moderna a respeito dos estudos de gênero, e iniciou-se no final dos anos 90 por vários pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos (MIRANDA e GARCIA, online, 2012). Essa teoria propõe o questionamento do que se entende sobre heteronormatividade, as noções do que é ser masculino ou feminino e da essência do desejo. O termo *queer* era um xingamento nos Estados Unidos e significava estranho, esquisito, anormal, mas, com o passar do tempo, as pessoas afetadas com essas injúrias subverteram seu sentido, e passaram a utilizar esse termo como um grito de orgulho e, com isso, foram dando um novo significado a essa palavra, que passou a ter uma nomenclatura científica. Isso é enfatizado por Salih “A expressão “queer” constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar, e seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição - por assim dizer - fácil” (2017, p. 19). Para a Teoria Queer, identidade de gênero ou sexual não se configura apenas pela essência biológica, isto é, pela associação com os órgãos sexuais biológicos e cromossomos XX e XY, como afirma Jagose: “Amplamente falando, Queer descreve esses gestos ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas relações supostamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual.” (1996, p. 03).

O conto escrito, *Entre o amor e a dor*, narra a história de Pedro, jovem de uma cidade pequena, que desde a infância se sente diferente dos outros meninos, mas reprime o que sente e finge ser igual aos demais. Na juventude, se muda para outra cidade para tentar uma vida nova e ali descobre o amor



homoafetivo com Victor, mas ainda esconde sua homossexualidade do mundo. Feliz e apaixonado, Pedro descobrirá de maneira trágica que o mundo é ainda mais duro que pensava: ele vê seu namorado ser morto em uma boate, pois um outro jovem, homofóbico, se incomodou com o beijo do casal em público (o primeiro beijo em público de Pedro, que finalmente decidira se abrir para o mundo) e o matou esfaqueado.

Em relação ao conto produzido, verifica-se que a Teoria Queer consegue abranger seu entendimento de forma ampla, já que Pedro, o personagem principal, pode ser denominado como um personagem queer, pois é um rapaz com sentimentos homoafetivos, algo totalmente inaceitável naquele meio em que ele estava inserido e, ao longo do conto, nota-se que este personagem apresenta dificuldade em seguir os padrões de comportamento social impostos ao seu sexo biológico (masculino), pois ele não sente prazer em exercer as mesmas atividades impostas aos homens, como percebemos neste trecho “Chegando à sua adolescência Pedro percebeu que não sentia exatamente o que outros rapazes sentiam, não se divertia como os outros garotos se divertiam, então passou a se reprimir e se prender dentro do seu próprio ser” (CAITANO, 2020, p. 02). É notória a angústia de Pedro, pois ele percebia que era “diferente” dos outros rapazes, e isso de alguma forma o fazia sentir-se inferior, levando-o ao isolamento. Mesmo diante de toda essa angústia, o personagem tenta seguir o padrão imposto aos homens, nascidos com sexo biológico masculino, pois a ideologia pregada em sua sociedade é basicamente que o órgão sexual é o que vai definir sua maneira de se comportar no mundo. Toda essa carga ideológica que Pedro carregava consigo fora fruto de sua criação, dos discursos machistas feitos pelas pessoas que o rodeavam, como, por exemplo, a pressão imposta pelos amigos em “pegar garotas” para demonstrar o quanto era “macho”, como visualizamos neste trecho:

Bombardeado de perguntas eróticas pelos colegas de sua idade, já na adolescência, Pedro via-se obrigado a relatar fatos nunca acontecidos para não ser zoadado pelo grupo. E assim, deu-se tal adolescência, um mundo só dele, feito apenas de ideias e ideais criados por sua mente e não fruto de suas ações. Mas o que isso importava? O mais importante era parecer e não ser. (CAITANO, 2020, p. 03)



Pedro tinha medo do que sentia, ele era, de forma indireta, um homofóbico. A teoria Queer explica que os discursos (de ódio ou não) são construídos discursivamente ao longo da vida do ser humano, como afirma Salih (2017, p. 21): “Nós, como sujeitos, não criamos ou causamos instituições, os discursos, e as práticas, mas eles nos criam ou causam.” Neste sentido, sabe-se que nosso primeiro contato, ao nascer, é com nossa família e amigos, sendo assim, somos condicionados à ideologia imposta e pelo ambiente em que nos situamos.

Tomando por exemplo um bebê, este não sabe o que é ser um menino ou o que é ser uma menina. Mas, seus cuidadores vão ensiná-lo a se comportar socialmente como menino ou menina, vesti-lo de roupa da cor azul (cor determinada para meninos de acordo com a sociedade atual) ou da cor rosa (cor determinada para meninas de acordo com a sociedade atual), todos esses aspectos são construídos socialmente e discursivamente. Esse é um ponto de partida para os Estudos Queer, pois a teoria tenta desconectar a biologia da sociedade, e questionar a essência masculina e a essência feminina, ou seja, “Teoria Queer empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e ‘genericadas’.” (SALIH, 2017, p. 20). Pode-se perceber pelos estudos sobre o assunto que não existe algo que seja genético em termos de comportamentos para definir masculinidade e feminilidade, ou seja, essa ideologia que foi tomada como verdade absoluta, sobre a biologia determinar o comportamento social, nada mais é que uma construção da heterossexualidade compulsória, e se fizermos um breve levantamento histórico, perceberemos que a rejeição à homossexualidade surgiu primordialmente com a cristalização dos aparelhos ideológicos de estado que, segundo Althusser (1970, p.22):

Os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela *ideologia*, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de seleção, etc., não só os seus oficiais, mas as suas ovelhas. Assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural.



Diante disso, percebe-se então que criam-se instituições controladoras com o objetivo de interpelar a sociedade por meio de seus discursos ideológicos. Mas qual a relação dos Aparelhos Ideológicos de Estado com a homossexualidade? As instituições religiosas pregavam (e ainda pregam) ideologias que vão contra as ações realizadas pelos homossexuais. Para a igreja, o sexo é visto apenas com o objetivo da reprodução, e não como fonte de prazer, a exemplo disso, o livro bíblico de Levítico afirma “Não te deitarás com homens, como fazes com mulheres: é abominação” (NOVA BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 162). A Bíblia restringe o conceito de família como sendo constituída apenas por um casal heterossexual, ou seja, homem e mulher. Este livro, segundo os cristãos, deve ser seguido para alcançar a salvação eterna. Neste sentido, iniciou-se a perseguição a esse público minoritário que não seguia as regras da escritura sagrada e era visto como pecador. Além disso, em meados do século XVII, a homossexualidade passou a ser caracterizada como anomalia, também pela sociedade, pois iniciou-se uma preocupação com o capitalismo que se expandia na época, e como os homossexuais não poderiam gerar descendentes, conseqüentemente não haveria a quantidade de consumidores e produtores necessária para a circulação do capital. Neste período, segundo Foucault (2014, p, 42):

Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou bestialidade. Tanto na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o “contra a natureza” era marcado por uma abominação particular.

Então, essa comunidade começou a sofrer repressão não só da igreja, mas também do estado, já que ambos estavam inteiramente interligados. Segundo Foucault (2014, p. 54): “Prazer e poder não se anulam; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encandeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação”. Diante disso, percebe-se que a sexualidade passa a ser comercializada, ou seja, o prazer passa a ter o



objetivo de gerar lucro para o estado, que faz isso aliando-se à igreja, já que esta tinha como principal ferramenta controladora o medo.

Pedro, como vítima dessa ideologia controladora, foi ensinado ao longo de sua vida a se comportar como ser masculino, ou seja, praticar atividades que eram impostas exclusivamente para este gênero, como por exemplo “paquerar meninas, sair para beber escondido, jogar futebol entre outras atividades que os meninos eram ‘privilegiados’ em participar” (CAITANO, 2020, p. 02), atividades que não lhe traziam prazer nenhum, mas simplesmente buscava praticá-las para não se sentir rejeitado.

Para a Teoria Queer, essa postura de Pedro em não se identificar com os estereótipos impostos ao seu gênero é algo muito comum, pois a concepção da identidade de gênero é também uma construção psicossocial, social e cultural, até porque o ser humano não é apenas um ser biológico, ele é um ser psicológico, social e cultural, e é necessário incluir todas essas dimensões para definir o que é a identidade sexual ou de gênero. No momento que a ciência e a filosofia, gradativamente, incorporam todas essas variáveis na sua definição do que é o gênero masculino ou feminino, observa-se que não é mais possível reduzir esse conceito só à associação aos órgãos biológicos, até porque o próprio conceito de masculino, feminino, homem ou mulher é uma construção psicossocial.

Por conta dessas filosofias, é tão complexo debater sobre gêneros, pois “Falar em identidade compreende um terreno arenoso e de turbulências teóricas, sobretudo a partir da inserção dos estudos culturais que subverteram a noção de rigidez do termo e dos sujeitos a ele relacionados”. (SILVA, SILVERA e COSTA, 2016, p. 148). Toda a ideologia que carregamos conosco é formada por um contexto cultural que vivenciamos, por este motivo, rotular uma pessoa não é coerente se for levado em consideração a heterogeneidade entre os seres humanos. O personagem Pedro demonstra características peculiares, um rapaz sério, de poucas palavras, e que não expõe suas emoções, talvez essa seja a maneira que ele encontrou de amenizar ou ocultar seus sentimentos



homoafetivos, e para esse tipo de situação muitos usam a expressão “Esconder-se no armário”, e segundo Sedgwick (2007, p. 22):

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.

A autora retrata o “armário gay” como uma forma de ocultar os sentimentos, mesmo que o indivíduo tenha a sexualidade assumida, em alguns ambientes ele tem a concepção formada de que terá que se colocar no armário, pelo fato da ocasião não permitir. E é justamente nesse “armário” que Pedro está inserido, mesmo que de forma inconsciente, pois ele não compreendia o que estava sentindo, e se via obrigado a ocultar seus sentimentos.

Ao ter contato com outro rapaz, é nítido que ele não libertava esse sentimento, não aceitava a ideia de ser homossexual, como é possível perceber neste trecho: “Uma voz ecoava em sua mente: Não, eu não sou gay. Eu estou desse jeito apenas porque não estou habituado ao local e às maneiras que as pessoas se comportam aqui.” (CAITANO, 2020, p. 05). O personagem, de alguma forma, tenta encontrar justificativas para o que estava sentindo, e isso o limitou, de tal maneira, que o impediu de externalizar suas emoções, causando-lhe grande sentimento de culpa.

No conto, a homofobia parte também dos próprios personagens, o que dificulta ainda mais o convívio entre eles. Eles tinham a concepção formada de que aquilo era errado, como é possível identificar no momento em que Pedro sai arrependido da casa de Victor por ter relações sexuais com ele “Não acreditava que tinha executado um ato tão abominável. Tentava limpar seu corpo com a chuva.” (CAITANO, 2020, p. 07) e também se percebe essa aflição em outro trecho na fala de Victor “Você acha que para mim é fácil também? (Soluços). Você acha eu tenho orgulho de ser quem eu sou?” (CAITANO, p. 08). O meio social, no qual os personagens estavam inseridos, fazia com que eles tivessem essas ideologias, e sabe-se que esses preconceitos foram historicamente impostos pelos dispositivos de poder. Foucault dá bastante ênfase nestes



dispositivos de controle quando escreve sobre a sexualidade em seu primeiro livro, *A vontade de saber*, e afirma que até o início do século XVII a questão da sexualidade não seguia determinados padrões sociais, como os vividos na contemporaneidade e, foi a partir dos séculos XVII, XVIII e XIX que se desenvolveram técnicas de controle sobre a sexualidade, criando padrões entre o aceitável e o excludente. Pode-se perceber isso em sua afirmação:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos "pavoneavam".

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 2014, p. 08-09)

167

Foi a partir da imposição desses estereótipos na era Vitoriana, no século XIX, que foi consolidado o preconceito contra as pessoas que tinham uma orientação sexual distinta da heterossexualidade e, com isso, estes estereótipos foram encarados pela sociedade como corretos, aceitáveis, normais, e qualquer outra categoria de sexualidade ou comportamento que ameaçava esse sistema estava sujeito à punição. Diante disso, a humanidade evoluiu carregando consigo essas ideologias impregnadas, e é por isso que, nos dias atuais, ainda existe tanto preconceito relacionado às sexualidades que fogem desses padrões. Muitos homossexuais não se assumem por medo de sofrer retaliações, e o conto retrata essa insegurança quando Pedro não assumiu para seus amigos



que Victor era seu namorado, no momento em que estavam se divertindo na boate, conforme vemos na passagem:

Pedro então avista alguns de seus colegas de faculdade. Ele tenta não ser visto, mas falha. Seus colegas vão até ele e perguntam:

-Como está mano? Quem é esse aí?

Pedro ligeiramente responde:

- Estou bem. Ah, esse? É um conhecido meu. (CAITANO, 2020, p. 10)

Assumir-se se torna desafiador, pois a partir do momento em que o sujeito atravessa essa fronteira entre ocultar seu sentimento e libertá-lo e vivê-lo intensamente, tudo o que está em sua volta se modifica, o modo como as pessoas o tratam, a forma como o olham e as idealizações que têm sobre você. E essa questão da dificuldade em se assumir é enfatizada por Sedgwick, quando afirma que:

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. (SEDGWICK, 2007 p. 38)

168

É por causa do medo de enfrentar essa sociedade tão preconceituosa que é tão comum pessoas esconderem seus sentimentos por longos períodos, ou até mesmo pela vida toda. Em alguns casos, muitos tornam-se hipócritas, optam pela vida dupla, ou seja, para a sociedade em que vivem mostram ser uma pessoa de preceitos morais, religiosos, e até mesmo matrimoniais. Mas, por trás dessa “máscara”, vivem relacionamentos inaceitáveis pela ideologia conservadora, isso acontece, pois, o sujeito rejeita seu próprio ser por ter aprendido a vida toda que isso era errado.

Atualmente, uma grande parcela da sociedade é interpelada pelo discurso religioso ou político conservador, e isso faz com que se torne ainda mais difícil se apresentar como parte da comunidade LGBTQI+, pois a discriminação é constante. Além dos próprios personagens apresentarem discursos homofóbicos, é possível perceber que o meio social no qual eles estavam inseridos corroborou de forma significativa nesse processo discriminatório. Um exemplo disso ocorre no momento em que Victor conta o motivo de ter saído de



casa tão cedo “Victor contou que seu pai nunca aceitou o fato dele se envolver com homens e que esse foi o motivo dele ter saído de casa”. (CAITANO, 2020, p. 09). Neste sentido, é perceptível como os discursos homofóbicos são diretamente repassados de geração para geração, como é o exemplo do pai de Victor, que não o aceitou em sua casa por ser homossexual. Indubitavelmente, esse pai de família está reproduzindo o discurso preconceituoso que também lhe foi repassado.

A Teoria Queer contraria e questiona a heteronormatividade, que é uma palavra usada para representar situações nas quais orientações sexuais distintas da heterossexual são vistas como um desvio, seja pelas crenças religiosas ou políticas. Para a heteronormatividade, existem apenas duas categorias distintas: macho e fêmea, e relações sexuais são normais somente entre estas duas categorias, ou seja, as relações devem ser realizadas apenas entre pessoas de sexo diferente, enquanto os outros sujeitos que não se encaixam nesse padrão são potencialmente alvos de ataques, sejam físicos, verbais, morais entre outras formas de preconceito, como afirma Oliveira (2014, p. 9): “A experiência de constituir-se fora da heteronormatividade é marcada pela subalternidade, pois emerge em um campo de hostilidades, de discriminações, de violência física, de inferiorizações diversas”.

A homofobia assombra a vida desses personagens desde a infância até a juventude, ou seja, quando Pedro sentia-se inferior aos outros colegas por não sentir prazer em se comportar como eles e sofria silenciosamente, quando sofria por sentir atração por outro rapaz, quando se culpou por ter relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo, e mesmo depois de aceitar sua sexualidade, Pedro ainda estava muito inseguro em relação aos pensamentos alheios. Um exemplo disso é o fato de se isolarem socialmente para poder estar juntos “Eles eram felizes. Felizes dentro daquele ambiente. Fora dali, se comportavam como estranhos. Nunca saíam juntos” (CAITANO, 2020, p. 09) e esse fato também se tornou um obstáculo na vida desses personagens, principalmente para Victor, que demonstrava ser um pouco mais sensível e desafiador, chegando até a desabafar sobre a angústia que estava sentindo, como se vê:



Passados alguns meses, aquela situação começou a incomodar Victor, que chamou Pedro para uma conversa e disse: - Eu quero sair ao seu lado.

Pedro meio irritado retruca:

- Por que isso agora? A gente está tão bem sem ninguém saber da gente. Não estraga isso, por favor.

Victor entristecido fala:

- Estamos bem? Será que eu não posso nem sair para um simples jantar com a pessoa que diz me amar? (Agora lágrimas escorrem dos seus olhos). Sabe... eu sinto falta de sermos um casal normal, eu sinto falta de tomar um sorvete com você na pracinha, eu sinto falta de andarmos de mão dadas como qualquer outro casal.

Pedro responde:

- A gente não é, e nunca será um casal normal. (CAITANO, 2020, p. 09)

Enquanto Victor quer lutar contra esses obstáculos e expõe sua aflição por não poder demonstrar em público esse sentimento, Pedro mostra resistência, pois tem inteira convicção de que não serão bem vistos. E, infelizmente, esse medo que Pedro demonstra é compreensível, pois:

No cerne do tratamento discriminatório está a homofobia, fundada num modelo de hierarquização entre heterossexualidade e homossexualidade, segundo o qual a norma é direcionar o desejo e/ou as condutas sexuais para uma pessoa do sexo oposto. O que estiver em desacordo com essa matriz heterossexista (caso da homossexualidade) é alvo de medo e desencadeia restrição de direitos. (RIOS, SOUZA e SPONCHIADO, 2014, p. 169).

170

Ao longo do texto, a homofobia, de certo modo, não se restringe apenas em limitar a vida e as atitudes desses personagens. O clímax deste conto nos direciona a um ato de homofobia marcado pela agressão física e verbal sofrida diretamente pelos personagens quando, depois de uma breve discussão, acabam se beijando publicamente, conforme comprova-se nesta passagem:

Victor dá as costas, mas é puxado e surpreendido com o beijo. Um beijo longo e afetuoso. Que logo é interrompido por risadas de um grupo de rapazes. Victor olha para o grupo e diz:

- Algum problema?

Um dos rapazes vem em direção deles e diz:

- Qual é mano? Quer ficar de boiologia na nossa frente? Dá o fora daqui seus viados. (CAITANO, 2020, p. 11)

No trecho acima, são nítidas as marcas linguísticas usadas pelo agressor, com o intuito de ofender o casal homossexual, e essa atitude vai de acordo com a afirmação de Oliveira quando explana que “A gozação, o xingamento, o insulto,



a violência física, a ameaça e a hostilidade ambiente são parte do horizonte existencial dos que se situam fora da norma hétero.” (OLIVEIRA, 2014, p.09). Esses discursos homofóbicos têm como principal objetivo intimidar esse grupo minoritário. Porém, Victor não se calou diante das ofensas e revidou:

Pedro tenta puxar Victor para longe, mas Victor já cansado de viver escondido responde:

- E se nós não quisermos ir embora? O problema foi o beijo? Por que não vai incomodar aquele garoto com aquela garota que estão se beijando logo ali?

O rapaz com um olhar demoníaco aproxima-se de Victor e diz:

- Eles não são uma perversão como vocês.

[...]

- Todos vocês “viados” deveriam apanhar até aprender a virar macho. (CAITANO, 2020, p. 11)

Na passagem acima, é perceptível que o personagem homofóbico não se incomoda com o beijo de um casal heterossexual que está próximo, todavia, fica inquieto e revoltado com o casal homossexual, pois entende que o beijo entre duas pessoas do mesmo sexo é um ato de perversão, isso porque:

A heteronormatividade funda-se em um regime binário de gênero e constitui um marco de inteligibilidade a partir do qual emergimos como sujeitos e reconhecemos corpos e vidas, conforme sejamos identificadas com padrões de feminilidade ou masculinidade. As performances transgressoras da heteronorma são percebidas como incompatíveis com os marcos de reconhecimento do que é humano, e respondidas com pedagogias normalizadoras. (RONDON e GUMIERI, 2014, p. 89)

Com o intuito de “disciplinar” o casal homossexual, o agressor se apoia em linguagem ofensiva e intimidadora, e o fato de Pedro confrontar e questionar tais discursos levou o agressor a se sentir desafiado e instantaneamente praticar a agressão física:

Em um movimento relâmpago o rapaz tira uma faca que possuía na cintura, e neste instante Victor sente aquela lâmina pontiaguda penetrar seu corpo, causando-lhe uma dor aguda e ao mesmo tempo ardente, assim cai ao chão gritando de dor (CAITANO, 2020, p. 12).

Segundo Oliveira (2014, P. 9) “A violência física é um modo de efetivar a conformidade pela destruição do outro ou pelas marcas impressas no corpo, pela dor e pelo medo”, e foi exatamente o que o agressor tentou fazer com a vítima,



intimidá-la e marcá-la a fim de impor o medo e demonstrar o que pode vir a acontecer com pessoas que desafiam a “normalidade”. Um ponto que deve ser destacado é o fato de que a agressão só ocorreu porque o casal demonstrou publicamente esse amor homoafetivo e, no momento em que os personagens tomam coragem e demonstram esse sentimento, são brutalmente vítimas da homofobia, isso porque:

A realidade material da violência (das injúrias à agressão física) não está separada dos modos de representação e apresentação e, portanto, das formas de regulação dos afetos e das percepções sobre as vidas dignas ou indignas, sobre as vidas que devem ser cuidadas e as vidas que não importam (BUTLER *apud* OLIVEIRA, 2014 p. 10).

Diante de tudo isso, percebe-se que a morte de Victor representa nitidamente as consequências que a homofobia pode ocasionar. Esse triste fim não acontece só em histórias, filmes, novelas, contos e outros gêneros fictícios. Infelizmente, isso ocorre também em nossa realidade, a sociedade em que vivemos ainda é constantemente marcada pelo preconceito. Quantos Pedros e Victors existem pelo mundo? Quantas pessoas deixam de ser felizes por medo de sofrerem preconceito? Quantas pessoas são vítimas de homofobia todos os dias, seja por agressão física, verbal ou até mesmo moral? É partindo desse princípio que na próxima seção iremos abordar sobre casos reais de homofobia que aconteceram e continuam acontecendo no Brasil, e como esses casos afetam diretamente a vida dessas pessoas vítimas do preconceito.

172

Homofobia no Brasil

Não é preciso ir muito longe para nos depararmos com casos homofóbicos. Dentro do nosso país, diversas sexualidades, que não são aceitas pela heteronormatividade, são vítimas deste ato cruel. Com o intuito de anunciar esses casos que muitas vezes são ocultados, foi criada a coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil*, publicada em 2014, pela editora Letras Livres, organizada por Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira. A obra contém notícias jornalísticas, e a partir destas são analisados dados do Observatório sobre



Direitos Sexuais nas Mídias Brasileiras, que monitorou diariamente mais de 600 veículos noticiosos (jornais, revistas, portais, sites e blogs), em plataformas impressas e digitais, entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. Foram analisadas 6.467 notícias. A iniciativa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, por meio do Convênio n. 775969/2012 e o projeto foi executado pela Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. (DINIZ e OLIVEIRA, 2014).

Além da obra citada acima, é importante destacar que também existem organizações que abordam esses assuntos no Brasil, como, por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB), que é uma ONG que tem como finalidade expor dados e notícias a respeito do público homossexual no Brasil, além da defesa dos direitos desta comunidade. Esta organização foi fundada por Luiz Mott, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1980, e é considerada a mais renomada associação brasileira de defesa dos gays, sua sede está situada em Salvador, no Pelourinho. A organização tem como finalidade lutar contra a homofobia, informar sobre a homossexualidade e sobre os direitos LGBTQI+. (O QUE É O GGB, Online, 2019).

Tendo como referência a obra *Notícias de Homofobia no Brasil (2014)*, percebe-se casos recorrentes no país, semelhantes ao assassinato do personagem Victor do conto *Entre o amor e a dor* como, por exemplo, a notícia abaixo:

Foi encontrado nesta quarta-feira (23), às margens da BR-060, região do município de Camapuã, o corpo de um transexual de 19 anos, morto a facadas. A vítima foi encontrada “de quatro”, apresentando perfurações no peito e um corte profundo no pescoço. No local também havia indícios de uma possível luta corporal. O autor ainda não foi localizado, mas a polícia já identificou um suspeito e trabalha na tentativa de encontrá-lo. Na bolsa do transexual havia um bilhete de passagem indicando que a vítima embarcou em Glória de Dourados, na terça-feira com destino à cidade onde foi morta. A família dele reside em Vicentina (FONTES, 2014, p. 34-35).

O único fator que distingue a morte de Victor, personagem do conto analisado, da notícia acima, é que esta última não aconteceu em uma história ou em um conto, mas sim na nossa realidade, o que para muitos ainda é irrelevante. Mas é preciso olhar para esses casos, falar, discutir e debater sobre o assunto,



pois são fatos como esses que aterrorizam todos os dias as vidas de pessoas que têm orientação sexual distinta da heterossexualidade.

Vale ressaltar que essa notícia é apenas uma de centenas de casos que correm anualmente no Brasil, no qual pessoas são espancadas e até mesmo mortas por demonstrar seus sentimentos e emoções de maneira diferente da heterossexualidade. Esses dados e notícias não são “criados” pelos veículos noticiários para dar crédito ou vitimizar o público LGBTQI+, eles realmente acontecem e são provas concretas de que a sociedade brasileira ainda carrega consigo uma mentalidade ultrapassada, na qual os indivíduos devem se adequar aos modos e preceitos que esta impõe. Os agressores quase nunca são identificados, mas através dos atos bárbaros cometidos, é possível perceber que eles tentam passar uma mensagem, deixando claro o quanto é repudiada essa forma de sexualidade, como afirma Diniz (2014 p.71) “Os sobreviventes da violência homofóbica foram vítimas do poder normalizador que avança pelos corpos para discipliná-los.”. Os agressores tentam silenciar ou amedrontar o público LGBTQI+, por meio da materialização do discurso de ódio, que causa danos muitas vezes irreparáveis nas vítimas, seja ato físico ou verbal, como aconteceu no assassinato citado acima e também no conto, quando o casal de personagens é intimidado de forma violenta por se beijarem em público, e um deles acaba morto por facadas.

Muitos podem se questionar se estas agressões realmente aconteceram ou acontecem por conta da homofobia. Ao analisar os depoimentos de testemunhas, de homofóbicos assumidos ou até mesmo da própria vítima (quando sobrevive), é possível perceber que o modo de ser e de se comportar, como por exemplo, os trejeitos e, principalmente, as ações homoafetivas (beijar, abraçar, acariciar-se, entre outras formas de demonstrar afeto) causam uma repugnância aos homofóbicos, que muitas vezes torna-se explícita aos olhos de quem os rodeiam, o que deixa claro que certos crimes são verdadeiramente causados por conta dessa não aceitação da sexualidade alheia, intolerância fruto dos padrões impostos pelos aparelhos ideológicos de estado, como já discutido.



Vejamos abaixo o relato de uma vítima que sobreviveu ao espancamento realizado por homofóbicos.

Meus amigos tentaram me acompanhar, mas foram barrados no caixa. Do lado de fora da casa dois seguranças me arrastaram para um jardinzinho na lateral da boate. Eu ainda estava preso pelo pescoço com a cabeça abaixada quando levei a primeira joelhada no rosto. Tentei tampar a cara, mas não consegui. Eles só queriam bate no meu rosto, eram socos e joelhadas. Eles gritavam “viadinho de merda” (DINIZ, 2014 p. 68-69)

Ao analisarmos a linguagem verbal exposta pelos agressores, percebe-se que ao utilizar a expressão “viadinho de merda” o agressor está tentando insultar a vítima, deixando nítida a presença da heteronormatividade compulsória, e a repulsa pela vítima, pelo simples fato desta ser gay e expressar isso em público. Algo semelhante também ocorre no conto *Entre o amor e a dor*, na passagem já analisada anteriormente, no momento em que os personagens são insultados verbalmente por um homofóbico que tem o intuito de intimidar o casal homossexual.

175

Diante de todos esses dados, percebe-se que, independente da forma como é praticada a homofobia, ela pode causar danos irreparáveis, fazendo com que a vítima carregue o trauma por toda vida, como aconteceu com os personagens Victor e Pedro. Sendo assim, a luta pelos direitos dos LGBTQI+ ainda está longe de cessar, pois o preconceito ainda é um dos principais desafios que esta comunidade enfrenta, e enquanto a sociedade conservadora brasileira buscar definir a identidade de gênero dos sujeitos por seu sexo biológico, o Brasil continuará sendo um país marcado pela violência e agressões contra os LGBTQI+.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, utilizou-se a Escrita Criativa como forma de denúncia social e, além disso, fez-se uma análise minuciosa da representação da homofobia no conto *Entre o amor e a dor*, seguida de levantamentos de dados da realidade brasileira, na qual pessoas deste grupo minoritário são vítimas de atos violentos. Para a construção consistente do trabalho, abordaram-se



diferentes aspectos que circulam em torno do público LGBTQI+, desde as teorias que estudam esta área (Teoria Queer), até o modo como a LGBTfobia afeta a vida das pessoas que seguem uma orientação distinta da normalizadora.

Ao produzir o conto *Entre o amor e a dor*, embora inicialmente o objetivo fosse retratar o amor homoafetivo, a criatividade do escritor o direcionou para outro caminho, e a temática da homofobia se instaurou na obra produzida, de modo que se evidencia que, muitas vezes, a Escrita Criativa segue um fluxo próprio de cada escritor, sua vivência, sua realidade pessoal, além da inspiração que o toma de assalto de formas diversas.

A análise do conto sob o viés da Teoria Queer revelou que os personagens eram constrangidos pelo meio social que os cercava. Enquanto Victor sofre a homofobia pelo próprio pai que o expulsou de casa, Pedro se reprimia intimamente, por se ver diferente dos demais meninos e tentava refrear sua sexualidade, levando uma vida de fingimento. Enquanto Victor consegue se libertar do medo e viver sua sexualidade de forma plena, Pedro demora a conseguir assumir sua sexualidade, pois o medo de retaliações sociais o domina por muito tempo. Ao vivenciar o amor homoafetivo de forma plena, porém, o casal sofre a homofobia de seu meio da maneira mais dura: a violência de um rapaz homofóbico causa a morte de Victor. A análise leva à reflexão de que o amor homoafetivo ainda enfrenta duras barreiras para ser vivenciado, como a não aceitação familiar, o desprezo de parte da população, as barreiras psicológicas do medo, e, em seu grau mais intimidador, a violência física que leva à morte.

A análise desta pesquisa nos direciona para perceber que a homofobia resiste na nossa sociedade, se apresentando de diferentes formas de repressão, sejam estas físicas, psicológicas, emocionais, sociais, ideológicas, etc, que afetam diretamente a vida dos sujeitos queer, dificultando sua convivência no âmbito social, o que, conseqüentemente, muitas vezes, os impede de revelar sua própria identidade de gênero, e os obriga a viver em um mundo de “mentiras”, já que essas formas de repressões os fazem se sentir culpados pelo que são e o que sentem.



Além disso, esta pesquisa nos revela que a Escrita Criativa pode ser utilizada como instrumento de denúncia às diversas formas de preconceito, pois, de certo modo, leva os leitores a refletirem sobre problemáticas sociais, no caso deste trabalho, a homofobia. Portanto, essa pesquisa reforça que deixar de falar sobre uma problemática não faz com que a mesma seja banida da sociedade, mas sim, ocultada, o que colabora ainda mais para a permanência desta na sociedade, por este motivo, faz-se necessário utilizar os meios que possuímos para demonstrar resistência e lutar em favor da desconstrução desses estereótipos que são imputados de forma repressiva à humanidade.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Trad. J.J Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.
- BÍBLIA. A. T. Levítico. In: **Nova Bíblia de Jerusalém: Antigo Testamento**. Trad. Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1997. p. 144-173. .
- DINIZ, Debora. O escândalo da homofobia: imagens de vítimas e sobreviventes. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Organizadoras). **Notícias de Homofobia no Brasil**. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 57-85.
- CAITANO, Tomé Fernandes. **Entre o amor e a dor**. 2020. Online. Disponível em <https://11bd8091-0fe4-459c-830e-b21467804e61.usrfiles.com/ugd/11bd80_7f5682b8cac64e499e506dcb1260ddc4.pdf> Acesso em 20 de Jul 2020.
- FONTES, Malu. Das ruas às manchetes: o enquadramento da violência homofóbica. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Organizadoras). **Notícias de Homofobia no Brasil**. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 21-55.
- FOUCAULT, Michel. **História da homossexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- JAGOSE, Annimarie. **Queer Theory: an Introduction**. New York: New York University Press, 1996.
- KIEFER, Charles. **A poética do conto**. Porto Alegre: Nova prova, 2004.
- OLIVEIRA, Rosana Medeiros. Notícias de homofobia: enquadramento como política. In: DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Organizadoras). **Notícias de Homofobia no Brasil**. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 09-20.
- O QUE É O GGB: NOSSA HISTÓRIA. Online. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia/>> Acesso em 17 de Mar 2020.
- RIOS, Roger Raupp; SOUZA; Luiz Gustavo Oliveira de; SPONCHIADO, Tobias. Notícias de homofobia e proteção jurídica antidiscriminatória. In: DINIZ, Debora;



OLIVEIRA, Rosana Medeiros. (Organizadoras). **Notícias de Homofobia no Brasil**. Brasília: Letras Livres, 2014, p. 159-190.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofski. **A epistemologia do armário**. Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007, p.19-54.

SILVA, João Paulo; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Christy Souza. A Teoria Queer e os muros da escola: tessituras entre prática e (des)normalizações. **Revista Textura**, v. 18, nº 38, p.143-161, Canoas, set./dez. 2016.

SITE HOMOFOBIA MATA DO GGB REGISTRA 126 MORTES VIOLENTAS EM 2018. Online. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/04/14/site-homofobia-mata-do-ggb-registra-126-mortes-violentas-em-2018/>> Acesso em 01 de Jan 2020.